

Camila agradece a atenção dos instrutores pela mudança de comportamento



A oficina de audiovisual foi um divisor de águas para Camila Viana de Brito, de 19 anos. Tímida e introvertida, relutou um pouco para fazer a matrícula. Queria aprender, mas a ideia de novas relações não a atraía muito. Tudo mudou na primeira semana.

“Foi mágico. O ritmo das aulas e os instrutores levam o aluno a interagir, a ser mais comunicativo. Mudei muito. Hoje, tenho mais responsabilidade e me relaciono melhor com a família e com outras pessoas”, comentou Camila, que começou no curso de iluminação para, em seguida, se matricular nas aulas de fotografia da oficina de audiovisual – produção, edição, roteiro, direção e sonorização são as outras opções da

oficina.

Um dos pontos importantes para a mudança de comportamento de Camila foi a interação, que acontece nas oficinas do Projeto Cultura de Direitos. Segundo ela, a dinâmica e a metodologia das aulas durante os trabalhos em grupo fizeram com que aprendesse sobre a importância de se comunicar melhor. Até as videoaulas seguem o mesmo critério.

“A maneira como o instrutor ensina e a necessidade que você tem em perguntar ou observar o que os outros alunos fazem, mudaram meu comportamento. As videoaulas são muito detalhistas e mantêm o ótimo nível da oficina. Tudo aconteceu muito

naturalmente. Eu me surpreendi, a minha família mais ainda. Foi bom demais, sou outra pessoa, e para melhor. Em breve, pretendo fazer oficina de canto”, comemora.

Quem mais gostou da mudança foi o filho Nicolas, de 4 anos, que vivia agarrado com a avó Jaqueline.

“Aprendi na oficina a importância da família na nossa vida. Fiquei grávida muito cedo. Minha relação com o meu filho mudou muito. Agora, sou mais apegada a ele. Penso mais no nosso futuro, quero melhorar a vida de nossa família. E a oficina serviu de estímulo, é o início de uma luta. Tenho muitos projetos e quero realizar todos”, acredita.



Programa
CULTURA de DIREITOS

Maricá - fevereiro de 2021 - ANO IV, n 29

Irmãs Kayllani e Ana Carolina: paixão pelo método de videoaulas

Pág. 6



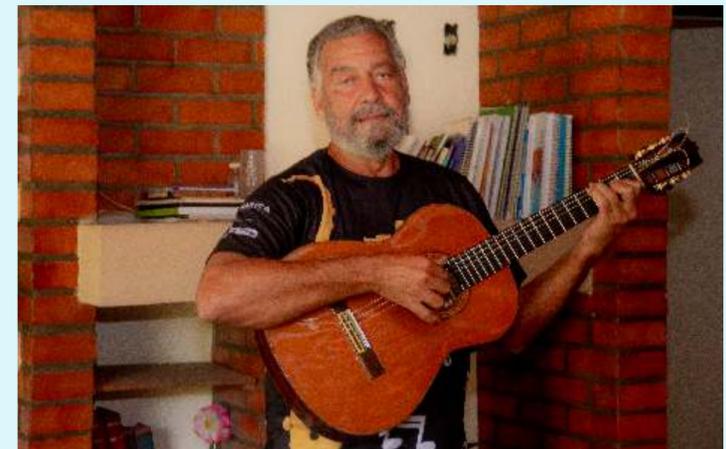
Bárbara supera a tristeza através de atividades nas oficinas

Pág. 5



Paulão 7 Cordas é o novo coordenador de música do Projeto

Pág. 3



Temos Direitos Somos Humanos

VOCÊ PODE NÃO SABER, MAS É A FAVOR

Vamos abrir um parêntese nesta página para falar de um tema mais do que relevante para a humanidade. Tão importante quanto a valorização da educação, como ocorre com as oficinas de cultura, do Projeto Cultura de Direitos, em Maricá. Trata-se da importância dos Direitos Humanos.

Em um momento que o mundo sofre com a epidemia da Covid-19, com a morte de pessoas todos os dias, apesar do surgimento da vacina, a pandemia mantém um impacto desproporcional em grupos vulneráveis, incluindo trabalhadores que estão na linha de frente e idosos.

Segundo especialistas, o número tem aumentado porque a pobreza, a desigualdade, a discriminação, a destruição do nosso meio ambiente e outras falhas nos direitos humanos criaram enormes fragilidades nas nossas sociedades.

Uma resposta eficaz à pandemia deve ser baseada na solidariedade e na cooperação. É necessário que as estruturas universais estejam baseadas em direitos, como a cobertura de saúde para todos, para vencer esta pandemia e nos protegermos no futuro.

Muitas pessoas sabem algo sobre os seus direitos. Geralmente elas sabem que têm o direito à alimentação e a um lugar seguro onde ficar. Elas sabem que têm direito a



serem pagas pelo trabalho que fazem. São muitos os direitos existentes, alguns conhecidos, outros nem tanto.

Os direitos humanos são os direitos e liberdades básicas dos quais devem desfrutar todos os seres humanos, considerando o acesso às condições elementares para o proveito de uma vida digna, além de garantir a liberdade de pensamento e de expressão e a igualdade perante a lei.

Um elemento fundamental para o respeito aos Direitos Humanos é o investimento em educação formal e o desenvolvimento da cultura no meio social. É através deles que se consegue desenvolver uma consciência crítica nas pessoas, de modo a torná-las mais respeitadas diante de um mundo multicultural e com diversas variáveis de manifestações sociais.

Mas será que entendemos realmente o que são Direitos Humanos?

Para melhorar esta compreensão, o Programa Cultura de Direitos, uma parceria entre a Secretaria de Participação Popular, Direitos Humanos e Mulher de Maricá e a Casa da Cultura da Baixada Fluminense, lançou em dezembro de 2020 a campanha 'Temos Direitos, Somos Humanos', com o objetivo de garantir um ambiente de discussão e aprendizagem em toda a cidade sobre esta importante questão, hoje, na nossa sociedade.

Mãe revela que aulas de canto ajudaram a filha na fluência da fala



Paula Cristina, 31 anos, nem acreditou quando soube que a oficina de canto, do Projeto Cultura de Direitos, poderia ser a solução de cura para a sua filha Clara, de 6 anos, que tinha problemas de gagueira - distúrbio da fala que atinge 5% da população brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Fluência.

"Ela já se tratava com o fonoaudiologista havia quase dois anos, quando ele me indicou um curso de canto ou coral para amenizar o problema. Aproveitei e fiz também a minha matrícula e da filha mais velha, Júlia, de 10 anos. Com duas semanas, a Clara passou a falar melhor. Ela tinha dificuldade de falar algumas palavras e as repetia muito até completar a frase", disse, aliviada.

E não foi só isso. A transformação no dia a dia foi rápida. Por conta da gagueira, Clara era alvo de brincadeiras de outras crianças na rua e na escola, dificultando

ainda mais a sua socialização.

"Ela sempre foi tímida e a gagueira a deixava muito retraída. Não gostava de sair de casa. Posso dizer que ela melhorou 70% com a oficina. Ela ficou

"O conteúdo é muito rico. A dinâmica prende os alunos até o fim da aula. Minhas filhas ficam empolgadas e gostam de repetir as aulas."

mais comunicativa e interativa com a família e com as outras crianças", comentou. A evolução de Clara chamou a atenção até na videoaula. Paula

Cristina conta que as filhas assimilam rápido as lições através do vídeo.

"O conteúdo é muito rico. A dinâmica prende os alunos até o fim da aula. Minhas filhas ficam empolgadas e gostam de repetir as aulas. Cantamos juntas, fazemos os exercícios e ainda tiramos dúvidas pelo Whatsapp. Não fica devendo nada às aulas presenciais", avaliou Paula, que faz faculdade de Serviço Social e pretende fazer outros cursos de canto.

"Essas oficinas abrem portas para muita gente descobrir sua vocação, seu talento. Não sabia que gostava tanto de canto. O projeto é muito especial para crianças, adolescentes e adultos. Principalmente para os jovens porque oferece ocupação, tira das ruas, além de ser uma ótima oportunidade para o futuro de crianças e jovens", analisou.

EXPEDIENTE:

Jornal Programa Cultura de Direitos - uma publicação Secretaria de Participação Social, Direitos Humanos e Mulher e da Casa da Cultura Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense/ CNPJ 36.446.029/0001-49./ Termo de Colaboração nº 01/2018/Termo Aditivo nº 01/2020 / Endereço da Sede do Programa: Rua Pereira Neves, 247, Centro, Maricá - Jornalista: Marcos Galvão RP: 17.356-RJ \ Textos: Edir Lima 17.515 JP / Assessor de Comunicação: Sergio Henrique/ Diagramador: Alexandre Campos/ Fotografia: arquivos do programa e da secretaria e Alexandre Campos / Impressão: C.W.V. Gráfica Editora e Bazar Eireli/ CNPJ 73.668.675/0001-87/, Avenida Beira Mar, 232, Aquarius (Tamoios), Cabo Frio, CEP 28.925-852/ Inscrição Municipal 10033568/ Tiragem 50.000 (cinquenta mil).

Alunas sugerem videoaulas como reforço de aulas presenciais



As irmãs Kayllani Fernandes Scandian, 13 anos, e Ana Carolina Scandian Fernandes, 9 anos, preferem as aulas presenciais, como a maioria dos alunos, mas não abrem mão das videoaulas. As duas ressaltam que a opção que têm em assistir às aulas pela segunda vez, sempre que necessário, é importante no aprendizado.

“As videoaulas são bem movimentadas e a imagem é ótima. Os recursos oferecidos são ainda melhores. Podemos pausar e assistir no dia seguinte a aula onde parou ou repetir tudo. Já estou bem adaptada a esse método. Poderiam mantê-lo como reforço para o dia a dia. Seria ótimo para os alunos”, comentou Kayllani, que faz oficina de cordas, percussão, canto, sopro e mídias sociais.

Kayllani disse que a opção em se matricular na oficina de mídias sociais foi pensando no seu futuro. Segundo ela, a oficina será fundamental para realizar o sonho de entrar para a faculdade de Medicina.

“Quero aprender tudo de rede social, conhecer novas ferramentas, que serão importantes para a faculdade, principalmente em nível de pesquisas”, analisou.

A aluna agradece o apoio que recebeu dos instrutores e coordenadores na transformação do seu comportamento.

“Eu era muito tímida. Os instrutores e coordenadores conversam com os alunos, mostrando que o melhor

caminho é o da interatividade, do compartilhamento de ideias e do conhecimento. Para isso, a pessoa precisa ser mais comunicativa. Parece que aprendi rápido”, comemora.

Já a irmã Ana Carolina, aluna de capoeira, nem precisou de orientação para mudar o seu perfil. Comunicativa, mostra-se sempre disposta a puxar assunto.

“Eu sempre fui mais animada que a minha irmã. Gosto muito da videoaula. O instrutor Yago é muito criativo para dar aula. A gente aprende tudo com facilidade. Eu também gostaria que a videoaula fosse mantida como reforço das aulas presenciais”, frisou.

Paulão 7 Cordas destaca a missão de socializar das oficinas



Convidado para ser o coordenador de música do Projeto Cultura de Direitos, Paulão 7 Cordas, nome artístico de Paulo Roberto Pereira de Araújo, aceitou de imediato. Ciente da responsabilidade de substituir o amigo Claudinho Guimarães, que morreu recentemente, o arranjador, diretor e produtor musical, violonista, e referência também no choro, já imagina os primeiros passos na nova função.

“Quero muito que os alunos de Maricá interajam com alunos de outras cidades quando completarem seus cursos. Vou atrás de bolsas para os interessados em evoluir. O Claudinho fez um belo trabalho. Me sinto honrado com o convite. Além de conhecimento, as oficinas têm a missão de socializar. Isso é fundamental nos dias de hoje”, disse ele, emocionado.

E ele tem razão. Mesmo próximos da

chegada da vacina contra o Covid-19, o isolamento social continua sendo uma das principais alternativas contra a doença. E a música surge como uma boa opção para superar este momento difícil. Segundo especialistas, a música une, congrega e facilita a conexão entre as pessoas.

Por conta disso, Paulão elogiou a produção das videoaulas. “São equipamentos de ponta, que passam muita qualidade para os alunos. Os instrutores são de alto nível. O que chama a atenção é o passo a passo na hora de tocar o instrumento, sem falar nas músicas selecionadas, que são conhecidas. Tudo isso facilita o aprendizado”, analisou.

O interesse de Paulão pelo violão começou aos 12 anos, quando ele assistia às aulas do professor José David Alves. Foi amor à primeira vista. Fã

incondicional de Cartola e Pixinguinha, Paulão já produziu gravações e shows para vários artistas, como Zeca Pagodinho, Wilson Moreira, Argemiro da Portela, Nei Lopes, Xangô da Mangueira, João Nogueira, Roberto Silva, Tia Surica, Cristina Buarque, entre outros. Atualmente, ele é diretor musical de Zeca Pagodinho, com quem já trabalha há 36 anos.



Oficina é terapia para vigilante superar o estresse



Hélio dos Santos Carvalho, 53 anos, vivia estressado com o trabalho de vigilante e procurava alguma atividade ou curso para amenizar a pressão do dia a dia. Quando soube das oficinas do Projeto Cultura de Direitos, não pensou duas vezes. As aulas de violão, canto, percussão, sopro e mídias sociais funcionam como uma terapia, segundo ele.

“Não imaginava que fosse tão bom. Se soubesse, teria feito há muito tempo. As oficinas são ótimas. Sempre quis aprender a tocar violão e evoluir no canto, com técnicas e conhecimento. É um privilégio fazer as duas oficinas, além da percussão, sopro e mídias sociais”, avaliou. Com a pandemia, a alternativa encontrada pelas instituições foi aderir amplamente ao projeto de Educação à Distância. As

videoaulas serviram para dar continuidade ao ano letivo em meio às restrições impostas pela pandemia de Covid-19.

“Não imaginava que fosse tão bom. Se soubesse teria feito há muito tempo. As oficinas são ótimas”

O vigilante mantém o entusiasmo. Segundo ele, a metodologia de ensino é

facilmente assimilada pelos alunos, que têm a opção de repetir a aula e tirar dúvidas no grupo de Whatsapp. “Não tem mistério. As videoaulas dão continuidade ao nosso aprendizado. O ideal seria aula presencial, mas infelizmente não deu. O treinamento em casa é tranquilo. O professor passa os exercícios e a gente treina, repete e refaz. Com o trabalho em escala, eu aproveito as minhas folgas para focar nas aulas”, destacou Hélio, que planeja se matricular nas oficinas de audiovisual e cavaquinho.

“A oficina de audiovisual tem várias opções interessantes. Gosto muito de fotografia. Minha esposa é fotógrafa e seria uma grande parceria profissional. Já o cavaquinho seria mais pelo prazer com a música. São projetos para um futuro em breve”, comentou.

Barbara melhora autoestima e sonha com futuro melhor para os filhos



As oficinas de capoeira, coral, percussão e mídias sociais transformaram a vida de Bárbara Meira, 36 anos. Grávida, ela sofria com a baixa autoestima pelo desemprego e o medo de não sustentar o filho que ela espera. Outra filha, Maria Vitória, mora com um tio. No momento, Bárbara vive na casa de familiares.

“Eu era muito triste, sem esperança e perspectiva. Comecei a participar das oficinas e os instrutores e coordenadores conversavam comigo. Graças a eles, melhorei muito e passei a lutar para oferecer uma vida melhor para meus filhos”, disse, aliviada.

Segundo especialistas, as ferramentas digitais podem contribuir muito com o aprendizado no período pós-pandemia e, mais do que isso, mudar a maneira de os estudantes se relacionarem com a tecnologia, deixando o papel de consumidores para assumirem o papel de produtores. Segundo eles, os estudantes

podem personalizar o ensino e contribuir para que sejam protagonistas do seu processo.

“O conhecimento que você adquire nas oficinas te leva a um mundo novo, a um

“Eu era muito triste, sem esperança e perspectiva. Comecei a fazer as oficinas e os instrutores e coordenadores conversavam comigo. Graças a eles melhorei muito e passei a lutar”

universo de informações, e a sonhar com um futuro muito melhor. As videoaulas

proporcionam conhecimento e uma visão diferente em relação à tecnologia e às ferramentas digitais. Quero fazer outras oficinas e aproveitar a oportunidade para sonhar com uma vida melhor”, analisou.

Bárbara não esconde a preferência pela oficina de coral. “Adoro cantar. Já aprendi muito com a oficina de coral. Aprendi até a respirar melhor. Em breve, quero entrar para as aulas de canto. Ganhei agilidade e disposição com a capoeira. Isso, para não falar no conhecimento que eu ganhei com a oficina de mídias sociais, principalmente com as novas ferramentas e a interação melhor nas redes sociais”, comemorou.

Até o comportamento da filha Maria Vitória mudou com as aulas de capoeira, revela Bárbara. “Ela ficou mais calma, mais concentrada na escola, interessada nos estudos. Os instrutores e os coordenadores ajudam muito na formação das crianças”, reconheceu.